

DIRETOR ESPIRITUAL (direção espiritual)

Estes termos são hoje contestados, pois falam de dirigir ou governar onde não tem nada a dirigir ou a governar. A conduta cristã de um simples batizado, de um candidato ao sacerdócio ou à vida religiosa não podem ser considerada uma empresa ou uma instituição que precisa de um alto comando. Até o superior dos religiosos passou a ser um coordenador ou um moderador em lugar de ser um diretor o único responsável. O diretor do cristão, do vocacionado ou do religioso só pode ser o Espírito Santo. O DICCIONARIO DE ESPIRITUALIDADE, Paulinas 1989, propõe que se fale em **padre espiritual** em vez que em **diretor espiritual**. A diferença entre os dois termos é grande. No primeiro caso teríamos alguém que substitui o Espírito Santo, no segundo caso temos alguém que ajuda o filho espiritual a descobrir o que o Espírito Santo quer e a maneira melhor de lhe obedecer. O padre espiritual é mais um assistente, um acompanhante, um conselheiro, um irmão. Francisco de Assis e Boaventura, seu sucessor na formação definitiva da ordem franciscana queriam que o padre espiritual fosse um irmão ou, ao máximo, um irmão maior. O padre espiritual é alguém que ajuda o candidato ao sacerdócio e à vida religiosa a si formar, a si educar. Até o termo FORMADOR se tornou ambíguo e muito discutível. Ninguém forma ninguém. Precisa que as pessoas se formem por sua conta, por sua própria decisão, embora com a ajuda, a iluminação ou o discernimento do padre espiritual ou do amigo espiritual. Em teoria, o padre espiritual poderia ser até um colega, um coetâneo, se o interessado reconhece nele certos dons de sabedoria ou de prudência. Nas casas religiosas de formação é ainda muito utilizada a prática da correção fraterna, um método pelo qual um colega ajuda um colega a se formar corretamente.

Esta nota me dá a oportunidade de falar de uma grave carência que acompanha toda a história da Igreja e das Igrejas. A partir do século quarto a auto-formação (= formação de si mesmos) foi lentamente abandonada para que se desse o maior peso possível à obediência e à submissão até o ponto de exigir que o dependente se tornasse como um cadáver na mão do seu responsável. Este estado de coisas produziu e produz ainda hoje desastres no Corpo de Cristo que é a Igreja. É bem aí que temos uma minoria mínima que sabe tudo e decide tudo, contra uma maioria exterminada que não sabe nada e não pode decidir nada. Segundo os estudiosos da religião, o cristianismo insistiu demais no objetivo, no que é igual para todos e tem que vir de fora da pessoa, deixando de lado ou ignorando o que é propriamente pessoal, único, intransferível e inalienável. As religiões orientais, ao contrário, são muito mais levadas a fazer descobrir o que há por dentro de cada um e procede igualmente de DEUS, embora em função do conjunto. Não será por isso que, entre nós, a profecia morreu ou está morrendo? Daqui para frente precisaremos cada vez mais da criatividade, dos dons individuais, da unicidade das pessoas, se queremos que o cristianismo recupere o tempo perdido e desenvolva a missão que lhe foi confiada.